

Narrativas leitoras de D. Dalva Damiana de Freitas: Acordes da letra, grafias da voz

Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho (UNEB/PUCRS)¹

Resumo: O presente ensaio versa sobre as histórias leitoras de uma poeta da voz, fundadora de um dos sambas de roda mais festejados da Bahia, Dona Dalva Damiana de Freitas, que soube ler palavras-mundo, com criticidade e sensibilidade, transformando-as em poesia. A construção do *corpus* aconteceu no bojo de uma pesquisa de campo que, estando fundamentada por pressupostos da Sociologia da Leitura, objetivou discutir as memórias leitoras de D. Dalva, em seus determinantes orais e escritos. A partir das narrativas enunciadas, em entrevista semiestruturada, descortinou-se o acesso a uma história leitora de riqueza ímpar para a problematização das diversas formas de ler e produzir cultura. D. Dalva, tendo vivenciado dificuldades de acesso e permanência no universo letrado formal, encontra nos acordes da voz o passaporte para o mercado dos bens simbólicos, reivindicando valor às suas leituras/produções poéticas. Nessa trilha, faz-se relevante destacar que o Samba de Roda, enquanto bem cultural, foi declarado Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, desde 25 de novembro de 2005, pela UNESCO (IPHAN), ação na qual o samba de D. Dalva representou importância basililar.

Palavras-chave: Leitura; Memória; Voz

Introdução

Percorrendo as páginas da história da leitura/escrita não é difícil perceber a vocação hegemônica característica da fundação/apropriação da escrita em relação a outras linguagens, fato que não chega a surpreender, levando-se em consideração o poder advindo de uma tecnologia capaz de revolucionar arquivos, memórias, conhecimentos, fazendo eco decisivo nas formas de interação e comunicação humanas. Por muito tempo, a primazia “naturalizada” do escrito, acarretou um direcionamento dos estudos acadêmicos para suas textualidades, de forma que as produções realizadas fora de seus domínios não eram dignas de estudo. Ler, então, ao menos no contexto beletrista, restringiu-se à posse do alfabeto, à decifração do escrito. Entretanto, considerando-se a leitura como ação de compreensão, como possibilidade ritual, responsiva, performática, vivencial e poética de ser/estar/ no mundo, faz-se mister reconhecer que seus contornos a projetam para além do texto escrito.

No contexto das sociedades atuais, voltadas às tecnologias da comunicação, à informática e ao entrecruzamento de diversas linguagens, novos modos de ser e pertencer são delineados, o que exige ações leitoras cada vez mais complexas. Em todos os âmbitos da cultura humana, somos desafiados a conviver com canais multimodais, num emaranhado de símbolos e significados cada vez mais desafiador de ações interpretativas. Nesse universo palimpsesto de possibilidades moventes, não se questiona a relevância do apoderamento do código escrito, patrimônio humano inegociável em suas possibilidades de construção,

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Doutoranda em Letras, área de concentração em Teoria Literária, DINTER UNEB/PUCRS.

circulação e consumo de bens simbólico-culturais. Entretanto, evidencia-se a necessidade de um ressignificar das trilhas abertas pelo racionalismo moderno, no sentido de reconhecer em cada vereda da linguagem, muitas vezes desprezada, uma possibilidade de leitura, de “reencantamento do mundo” (MAFESOLI, 2007).

O questionamento acerca da sacralização da palavra escrita, sacralização essa que se deu em detrimento da palavra falada, da poética da voz, da pulsação do corpo, segue uma necessidade patente no cenário contemporâneo, quando se reconhece que o apoderamento do código escrito pode (e deve) prescindir de uma postura preconceituosa em relação às diversas realizações das linguagens. Tomar a escrita, isoladamente, como veículo de modernidade, racionalidade, verdade ou fator máximo de humanidade torna-se improcedente, como nos lembra Finnegan (2008, p. 20).

Uma postura mais equânime em relação à construção de conhecimentos pressupõe considerar a complexidade inerente às sociedades pós-modernas, em suas diversidades, hibridações e interdependências, aceitando, também, que a edificação de um patrimônio cultural acontece em trânsitos complexos e mutáveis, não sendo mais possível manter dicotomias já desgastadas como as noções de alta cultura/baixa cultura, erudito/popular, oralidade/escrita, letrado/iletrado, alfabetizado/analfabeto, enquanto sustentáculo de uma escala de valoração etnocêntrica e excludente.

A partir de tal pressuposto, a leitura, *latu sensu*, pode ser entendida como ação crítico-poética situada na encruzilhada das linguagens (realizações diversas), por possibilitar ao leitor a condição de transitar por universos conceituais diferenciados “recolhendo” sentidos. Nessa trilha, assume uma posição de “entre-lugar”, de “terceiro espaço” (BHABHA, 2007), podendo abarcar as diversas vozes presentes em cada evento de interação/comunicação humana (BAKHTIN, 2004), sem desconsiderar a presentificação de “sensações múltiplas que se ligam a seu exercício” (ZUMTHOR, 2007).

Considerando a polissemia consagrada ao termo, tanto em pesquisas acadêmicas - Freire (2005), Lajolo (2000), Martins (2006), Soares (2005), Yunes (2003) -, quanto em construções do senso comum - leitura das estrelas, das mãos, das vozes -, é significada, no presente texto, como ação poético-performática que atua no limiar das imagens, dos sons, dos gestos, do corpo, das palavras (orais e escritas), num esgarçamento de sentidos afeito a considerar os trânsitos socioculturais e estéticos, processados, também, por meio de escolhas políticas (HALL, 2006) e jogos de poder (BOURDIEU, 2001).

Nessa perspectiva, o presente ensaio versa sobre as histórias de leitura de uma poeta da voz, fundadora de um dos sambas de roda mais festejados da Bahia, Dona Dalva Damiana

de Freitas, nascida em 1927, que soube ler palavras-mundo, com criticidade e sensibilidade, transformando-as em poesia. A construção do *corpus* aconteceu no bojo de uma pesquisa de campo fundamentada por pressupostos da Sociologia da Leitura, objetivando discutir as memórias leitoras de D. Dalva, em seus entrelaçamentos orais e escritos. Para tanto, foi realizada uma entrevista semi-estruturada (registrada por gravador digital de voz), no dia 05/03/2012, com duração de 1:18h, na cidade Cachoeira², Ba, sendo posteriormente transcrita e encaminhada ao acervo pessoal de D. Dalva, onde se encontra disponível.

A questão geradora da entrevista foi a história de vida de D. Dalva, a partir da qual descortinou-se o acesso a uma história leitora de riqueza ímpar para a problematização de diversas formas de ler e produzir cultura. O percurso de análise buscou, mesmo que brevemente, explicitar relações existentes entre as leituras realizadas por D. Dalva, considerando as memórias narradas durante a entrevista, e o processo de produção poética da mesma frente ao Samba de Roda *Suerdieck*, ou Samba de Roda D. Dalva. Nessa trilha, faz-se relevante destacar que o Samba de Roda, enquanto bem cultural, foi declarado Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, desde 25 de novembro de 2005, pela UNESCO, ação na qual o samba de D. Dalva representou importância basilar (SAMBA, 2006).

Acordes das letras grafias da voz: aprendizagens entrelaçadas

‘Aí Izaurinha, dê cá ai um lápis, aí um coisa’ (que eu já gostava de escrever).
Aí, eu escrevia num pedaço de papel... e guardei. Volta e meia, as menina:
‘Como é, Dalva?’ Cantava. (D. DALVA)

Seguindo o contexto das grandes fábricas de charuto que fizeram parte do universo econômico-social de Cachoeira, na segunda metade do século XIX, encontram-se narrativas únicas de um tempo que deixou marcas em toda a cultura local. Tendo vivenciado uma economia baseada na produção de cana-de-açúcar e fumo, a região do recôncavo baiano³, no citado período, sediou fábricas de charuto que apareceram como importante fonte de renda para as famílias. As fábricas empregavam, em sua grande maioria, mulheres que encontravam na feitura dos charutos oportunidade ímpar de trabalho e renda. Uma das fábricas mais

² Cidade situada no recôncavo baiano, encontra-se a cerca de 120 km da capital do estado, Salvador. Cachoeira é uma das cidades baianas que mais preservou a sua identidade cultural e histórica, o que a faz um dos principais roteiros turísticos históricos do estado.

³ Faixa de terra que contorna a baía de Todos os Santos, formada por mangues, baixas e tabuleiros, abrangendo não só o litoral, mas também toda a região do interior circundante à Baía. Importante região de desenvolvimento e preservação do samba de roda.

importantes da época, a *Suerdieck*, instalada em Cachoeira por imigrantes alemães, foi *lócus* do trabalho de Dona Dalva e universo empírico de muitas de suas histórias de vida e leitura, figurando, inclusive, como uma espécie de concorrente da escola.

Se hoje é possível falar em democratização do ensino público, qualidade educacional e permanência de crianças, jovens e adultos nas escolas brasileiras (sem desconsiderar os muitos desafios a serem superados), há muito pouco tempo atrás, tudo isso somente existia no interior de algum discurso paternalista e utópico ou em poucas regiões privilegiadas socioeconomicamente. Os níveis de analfabetismo eram assustadores e as políticas públicas de ensino incipientes para dar conta da complexidade educativa de um país tão grande e diverso. Algumas regiões, cidades, bairros e classes sociais sofriam ainda mais a falta de escolas, de estrutura física (quando elas existiam) de professores qualificados, de material escolar.

D. Dalva vivenciou esse contexto de desafios. No decorrer da escuta de sua história de leitura, fica patente a limitada presença da instituição escola em sua formação educativa, de maneira que as memórias de aprendizagens, por ela evocadas, fazem-se no limiar da letra e do mundo (FREIRE, 2005), não sendo possível desconsiderar o caráter caleidoscópico de suas leituras. No tocante às percepções acerca da importância da escrita e dos livros, na vida dessa poeta da voz, três momentos fazem-se distintos.

A meninice/adolescência, quando ainda figura o contexto da proteção dos pais, da avó, da limitada convivência com os poucos escritos e das dificuldades vivenciadas na escola; a vida adulta, quando ela constitui a própria família e passa a ser responsável pela sobrevivência dos cinco filhos (aqui o distanciamento do texto escrito figura como uma fatalidade); e a maturidade, fase em que D. Dalva (já reconhecida por seu samba de roda) ratifica a importância da leitura/escrita para a vida das pessoas, inclusive, elegendo o livro como lugar de memória objeto de seu desejo: “E que amanhã, eu morra, façam até um livro com a minha vida que é tudo pra mim. Onde eu estiver, fico lá sorrindo e assim é: ‘Pensava, heim?’” (risos) (D. DALVA)

No que tange à educação formal, à fase estudantil, duas forças parecem travar batalha na história de D. Dalva. Por um lado, o sonho dos pais em formá-la professora não coaduna com as barreiras enfrentadas no tocante às condições básicas para o letramento, o que inclui a posse dos bens materiais exigidos para as aulas e o apoderamento de códigos imateriais eleitos como conhecimentos basilares para os estudos, ambos necessários ao sucesso escolar. Por outro, situam-se as demandas da sobrevivência, as dificuldades financeiras e a promessa de renda que as fábricas do recôncavo ofereciam, fazendo com que o

trabalho infantil figurasse como algo atrativo para a menina que vislumbrava a satisfação de seus desejos e necessidades. Entendido como veículo para uma condição de consumo, o trabalho na fábrica seduzia, cooptava e dava a falsa impressão de um futuro melhor.

Proveniente de família humilde, D. Dalva foi a primeira filha do casal, tendo sete irmãos. O pai era sapateiro, a mãe operária. Por conta dos poucos recursos que possuíam, “viviam mais com a avó”, como ela mesma diz. Foi com a avó que a menina viveu os anos da infância, acompanhando-a ao rio para a lavagem de roupa, levando o almoço da matriarca depois de sair da escola, aprendendo canções e vivenciando seus auxílios durante a execução das tarefas escolares. A avó, que não tinha estudado, não conseguia acompanhar as atividades estudantis da neta, protagonizando algumas dificuldades como mostra D. Dalva: “A minha avó, que era mãe da minha mãe - mas era (palma) porque ela queria ajudar - minha vó não estudou, minha vó não sabia lê, minha vó, me ensinava minha lição... toda errada”.

Do período que frequentou a escola, D. Dalva apenas se recorda do ABD, da Cartilha, dos livros de Erasmo Braga (primeiro e segundo livros - que ela não possuía e por isso precisava copiar as lições) e dos almanaques, segundo ela, procurados por conta dos calendários e advinhações. A ausência do material escolar ficou marcada na memória como fato preponderante para as dificuldades que enfrentou com os estudos:

[...] o estudo... eu tinha vontade. Agora... no fim do ano, todo mundo fazia seus exames, passava, mas eu não tinha a consignação dos livros. Aí quando dizia assim: ‘Dalva, cê passou?’ Passei... (com voz baixa) pra que libras? só passei de uma carteira pra outra, que minha mãe não tinha dinheiro pra comprar livro, não tinha dinheiro pra comprar nada.

Dos livros escolares, D. Dalva guarda a lembrança de não possuí-los; dos almanaques e sua leitura, ela afirma: “a gente não tinha na memória que ia ter a serventia de nada”. Afirmação que, metonimicamente, pode ser atribuída ao valor que a escola pode representar em contextos onde seu poder simbólico não é percebido facilmente, quando a existência de um capital simbólico destinado a selecionar, segregar e excluir projeta-se subliminarmente nos discursos de desenvolvimento (BOURDIEU, 2006).

Em busca de melhores condições de vida, D. Dalva, aos quatorze anos, começa a trabalhar na fábrica *Suerdieck*, tendo, inclusive que adular a idade para ser admitida. Os pais queriam que a menina “fosse estudar pra professora”, na Escola Normal, mas acabaram cedendo. Aliaram-se, às dificuldades financeiras, as condições nada fáceis oferecidas pela escola e a sedução exercida pela fábrica para que o universo da educação formal fosse abandonado. Nessa empreitada, fica rasurado um dos símbolos identitários mais

representativos das sociedades letradas, o registro de nascimento:

E minha infância foi essa. Fui trabalhar na fábrica com a idade de quatorze (14) anos. Aumentou a idade pra poder eu trabalhar, pra poder matricular, como é que diz, registrar. Que só ficava quem tivesse 18 anos. Tava forte, robusta, aí, então, meu pai não aceitou mais minha mãe. Eu chorei muito, nesse dia. Eu queria trabalhar pra ajudar mainha. (...) Conhecia as necessidades... Aí, então, fui trabalhar. Por sinal, eu digo a você, o primeiro rádio que teve lá em casa (lá em casa nunca teve...(risos) foi um *standard* elétrico). É um rádio antigo que tinha. Chamava *standard* elétrico. Eu perguntei pro meu irmão pra gente comprar fiado.

As necessidades patentes de sobrevivência e o desejo de concretizar um estado consumidor, muitas vezes, agem na vida dos jovens de maneira esmagadora fazendo com que o universo do trabalho figure como meio de realização pessoal imediato e os estudos como meta dependente de muito sacrifício, principalmente, se a recompensa parece algo distante e questionável. O investimento no trabalho em detrimento dos estudos, entretanto, historicamente, tem se tornado uma grande armadilha. Envolvidos com a rotina dura desses trabalhos, muitos jovens deixam de investir em uma formação profissional sólida, limitando as possibilidades de conquistarem um espaço minimamente satisfatório e que lhes possa dar algum reconhecimento, inclusive financeiro.

A escola, que em sociedades grafocêntricas assume a responsabilidade da educação formal, tornando-se *locus* de disponibilização gratuita e eficiente a todas as camadas da população, realidade ainda recente e por se concretizar plenamente no Brasil (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996), nem sempre consegue exercer presença efetiva na vida das pessoas. Nesse sentido, ressalte-se a pertinência de discutirmos, ainda hoje, as condições que as escolas possuem para despertar o interesse das crianças e jovens, no sentido de fazê-las ingressar, permanecer e se desenvolver.

Quando questionamos o lugar dessa instituição na formação das novas gerações, inclusive, frente aos apelos incessantes de uma sociedade ocidental - industrial, capitalista, democrática - que dissemina a idéia de vida fácil, voltada para a aquisição de bens de consumo, simulando uma eterna valsa de sedução de mercado, é porque há uma confiança de que os ‘muros’ das instituições educacionais possam abrigar possibilidades de ações (contra)ideológicas voltadas a questionar a sanha cruel do capitalismo, motivo pelo qual a formação leitora tem sido otimizada.

Analisando o “mal-estar cultural” no contexto da pós-modernidade, Bauman (1998) traça considerações acerca da sociedade do consumo, asseverando que os excluídos do “jogo

do mercado” são os verdadeiros excluídos da sociedade. Se hoje são tomados como “população redundante”, sem função na grande engrenagem do consumo, já foram considerados o exército de mão de obra reserva, solicitados a participar da ordem e progresso que levaria adiante a nação. Nesse sentido, a sedução exercida em torno do possuir, do consumir, é hábil em criar desejos, fazendo parecer que a satisfação dos mesmos “é condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana” (BAUMAN, 1998, p. 56).

Em muitos casos, a problemática gerada por tais engrenagens tendem a prolongar dificuldades, como, de certa forma, pode-se ler na história de D. Dalva. A fase adulta reafirma o trabalho na fábrica e as dificuldades de sobrevivência. A educação formal, agora distante para ela, é projeto para os filhos. Livros, jornais, revistas são materiais muito pouco lembrados durante esse momento da narrativa. Algumas vezes, o escrito aparece assumido funções tão utilitárias que ninguém teria coragem de cobrar amor aos livros no contexto descrito: “já pensou o que é uma pessoa de uma classe baixa, morando em casa de aluguel? De noite botava... juntava aquele bocado de papel, assim (gesto) num canto... e a caixa de fósforo... Quando na passagem do dia, tava tudo bem. De noite, não tinha gás, não tinha nada” (D. DALVA).

Nessa fase da vida de D. Dalva, os sacralizados materiais escritos são ainda mais raros do que na infância. As únicas referências feitas são acerca da existência dos papéis queimados para acender o fogo e das folhas de jornal, “gazeta”, que embrulhavam o “lanche” levado por seus os filhos até a fábrica. A resposta para a convivência com livros, revistas, quando pergunto, é sempre negativa, e, guardadas as possibilidades dos esquecimentos que acompanham o lembrar de lembranças, o mínimo que se pode considerar dessa ausência é que se eles existiram não foram tão significativos para serem citados.

Não se pode deixar de considerar que o limitado acesso ao código escrito está no cerne das escolhas que D. Dalva pôde fazer no decorrer da vida. Refletindo acerca da própria trajetória, a partir das conquistas e das dificuldades superadas, ela considera o saldo positivo: “[...] mesmo assim, aprendi a assinar meu nome. Importante é assinar meu nome (bate palma). Sou eleitora (bate palma). Ai, eu tenho que me exaltar, né? Que aprendi a assinar o meu nome, eu tenho tudo na vida”.

Mais que assinar o nome, D. Dalva demonstra um apoderamento da escrita em parceria com a voz, a exemplo do que aconteceu com a criação de uma de suas letras de samba, Jiló, quando o registro da letra no papel disponível esteve acompanhado de uma performance vocal voltada a cantar e encantar o contexto do trabalho. Nas leituras dessa poeta, desafios podem ser fonte de inspiração, transmutando-se em metáforas performatizadas

em sambas:

Nessa versão, que eu tô mastigando o jiló, eu disse assim: ‘Venha cá como quiser, jiló, jiló, ô jiló/Como quiser, venha cá, ô jiló, jiló,ô jiló/plantei jiló, não pegou, a chuva caiu, rebentou (...) não é jiló é berinjela’. ‘Aí, ó, num instante... oh, ela rimou, uma letra’. Todo mundo ficou conTENte. ‘Aí, Izaurinha, dê cá ai um lápis, aí um coisa (que eu já gostava de escrever). Aí, eu escrevia... num pedaço de papel... e guardei. Volta e meia, as menina: ‘Como é, Dalva?’ Cantava...

A escrita figura importante para preservar a letra da canção, enquanto o canto segue rasurando as letras acadêmicas voltadas a desconsiderar as poéticas da voz. Entrelaçamento necessário a uma constituição edificada por trânsitos fortes o suficiente para operar rasuras em múltiplos sistemas. Durante toda a entrevista, D. Dalva acrescenta em sua fala uma marcação diferenciada. Ela bate palmas⁴. Em parceria com os marcadores da fala, faz falar o corpo, as mãos, o ritmo do samba invade a palavra, evidenciando o caráter performático-constelatório de suas aprendizagens.

Em todas as fases da aprendizagem leitora de D. Dava, a presença da oralidade é fundamental. Não somente, como é para todas as pessoas, enquanto ação fundante das interrelações socioculturais e políticas, mas como horizonte palimpsesto de sentidos propiciadores de uma maneira singular de ler a vida, e que a projetaram no cenário cultural do recôncavo. A menina que não lê os livros aprende a ler a cultura (e o que são os livros se não materializações de culturas?), e a lê de uma forma muito especial, diria, na trilha de Zumthor, realizando uma leitura poético-performática que se projeta holisticamente no ser-estar do mundo:

Eu não tinha brinquedo... papai noel não me dava brinquedo. Pedia a Papai Noel a morrer... botava o sapato atrás da porta... fazia tudo... ele não me dava NAda... De madrugada, só tava vendo... toda hora eu abria o olho pra ver se ele já tava descendo pelo telhado, pra eu pegar meu presente... Quando era de manhã, via um pacotinho de licuri cozido, uns queimadinhos, alí, preTinhos...(…), mas uma boneca nunca deixou. Eu disse assim: ‘tenho fé em Deus, eu vou pedir a Papai Noel pra me dar uma boneca de cabelo’. Eu nunca tinha tido... aí... nunca conseguia ter, né? Ai eu fazia... (cantando e batendo palmas) ‘Papai Noel vai me dar brinquedo/eu não tenho medo/eu não tenho medo’. Eu cantava... eu pedia, né? ‘Papai Noel vai me dar brinquedo/ Eu não tenho medo/eu não tenho medo/ Papai Noel tenha compaixão/me dá uma boneca (risos)... me dá uma boneca/prá o meu coração’. (...) E fazia os sambinhas... porque quando vovó tava na fonte lavando roupa, ela ficava cantando... aquelas cantigas antigas.

⁴ É possível observar em algumas falas destacadas, no presente texto, a marcação feita por D. Dalva por meio de palmas. Durante toda a entrevista, o uso de tal recurso é frequente.

Nesses eventos de criação/leitura, a poética da voz imprime uma força-presença incontornável e a linguagem significa-se mesmo no limiar da voz, da letra, do corpo, propiciando movimentos entrecruzados de ver, pensar, cantar, corporificar, performatizar. É nesse sentido que podemos ler o processo de composição narrado acima por D. Dalva. Rasurando a “tradicional” escrita de cartas para Papai Noel, o pedido da menina realiza-se na interface da letra, destinada a especificar o objeto do desejo, nos acordes vocais que atualizam a ancestralidade rítmica do samba e nos movimentos corporais voltados a grafar memórias outras. Performance? Leitura de mundo? Escrita do corpo? Canção? Literatura? É nessa espécie de mistério, capaz de teatralizar o próprio ser, que a produção da poesia da voz ganha amplitude. Estamos, então, longe do preconceito que reduz a leitura ao escrito e a performance à oralidade, como indica Zumthor (2007).

Declaradamente, essa é uma das grandes dificuldades da escola, enquanto formadora de leitores. Atuar na soleira da porta que ela mesma adotou para cindir (embora hoje procure unir) pólos leitores que, em última instância, são representativos de uma cisão maior operada nas sociedades ocidentais em torno do próprio ser humano, no que tange à bipartição corpo/alma, razão/emoção, prazer/obrigação. Não tem sido tarefa fácil efetivar uma educação que possa, mais que reconhecer a formação humana de maneira holística, problematizar essa formação, inclusive no tocante à complexidade das culturas/identidades/alteridades, das diferenças de classe, gênero, etnia, das interrelações inerentes à construção de conhecimentos.

Considerações finais

Pode-se considerar que a leitura de D. Dalva ramificou-se às margens dos determinantes educacionais mais tradicionais. Tendo-se formado mesmo nas soleiras das portas da cultura hegemônica, constituiu-se a partir de outros códigos, não podendo ser significada senão nessa liberdade constelatória que a permite transitar por mundos simbólicos diferenciados criando acordes de poesia. Somente quem ouve/olha/lê/sente o cotidiano de maneira poética é capaz de operar tal proeza. Assim, entre tradições e rupturas, entre códigos orais e escritos, entre festas profanas e religiosas, entre categorias conceituais hegemônicas e reflexões identitárias ético-raciais sua poética se edifica.

Enquanto leitora da palavra-mundo, em suas múltiplas configurações, D. Dalva desafia-nos a problematizar formas de ler e entender as produções culturais locais, inclusive, no sentido de lançar questões ao universo beletrista tradicional, tão afeito a marginalizar o

diferente. Em sua trajetória, à dificuldade de acesso à instituição escolar e às condições básicas para o letramento (contexto social e familiar), contrapôs-se a intensa convivência com textos culturais edificados na voz e no corpo. Nesse sentido, fica patente a distância da escola em relação ao universo das práticas populares, sendo que é no bojo das poéticas da voz, e convivendo mesmo na encruzilhada de múltiplas linguagens e seus universos conceituais, que D. Dalva constrói sua história de leitora, de poeta, de sambista.

Partindo das canções entoadas juntamente com sua avó às margens do rio-vida, das brincadeiras ritmadas de criança, das letras aprendidas na escola e alongando-se nas lidas da fábrica e nos festejos da cidade de Cachoeira, D Dalva chega ao reconhecimento de suas próprias construções poéticas, junto ao Samba de Roda *Suerdieck*. Nessa trajetória, faz circular questões que, sendo parte de sua memória individual, significam o contexto cultural da região, em suas dificuldades e superações, em suas lembranças e esquecimentos.

No bojo das discussões sobre identidade étnica, quando os estudos sobre cultura privilegiam diferenças e as novas tecnologias rasuram noções de tempo e espaço, a sua poesia ganha visibilidade, ensinando-nos que a poética de sua leitura é a poética do cotidiano, das memórias individuais e coletivas rasuradas por movimentos culturais e estéticos complexos. Vivenciando o rico universo cultural do recôncavo baiano, incorporando-o e modificando-o, D. Dalva tece sua artesanaria leitora inventando outros acordes para as letras. Assim, segue, junto com seu grupo de samba, grafando poesia na voz, no movimento do próprio corpo, na beleza festiva das roupas usadas nas apresentações, na harmonia dos instrumentos musicais, desafiando e solicitando outras formas de entendimento para o conhecimento humano.

Referências

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: *Obras escolhidas - I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 4. Reimp. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 14. Ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUIA CULTURAL DA BAHIA. Vol. 2, Recôncavo. Salvador: Governo do Estado da Bahia, Secretaria da Cultura e Turismo, Coordenação de Cultura. 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazereth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SAMBA DE RODA DO RECÔNCAVO BAIANO. Brasília, DF: Ipham, 2006. 216p.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. São Paulo: Autêntica, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

YUNES, Eliana et. al. (Org.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.